Relação entre religiosidade, medo da morte e atitude frente ao suicídio*

WILMA DA COSTA TORRES**

1. Introdução; 2. Metodologia e procedimentos; 3. Resultados; 4. Discussão.

O presente estudo testou duas hipóteses acerca da relação entre religiosidade, medo da morte e atitude frente ao suicídio em dois grupos de orientação religiosa — extrínseca e intrínseca. Para o grupo de orientação religiosa intrínseca foi hipotetizado que haveria uma relação inversa entre ortodoxia religiosa e medo da morte, que a aceitação do suicídio seria uma função decrescente da ortodoxia religiosa e que esta seria uma função decrescente da ortodoxia e do medo, e que o medo da morte seria o principal preditor da atitude frente ao suicídio. Foram elaboradas e/ou adaptadas escalas para a avaliação da orientação religiosa, ortodoxia religiosa, medo da morte e atitude frente o suicídio. Os dados foram coletados em uma amostra de 262 sujeitos com formação universitária. Os resultados oferecem embasamento para a hipótese relativa ao grupo de orientação religiosa intrínseca, no qual a ortodoxia religiosa e o medo da morte estão inversamente relacionados, e a aceitação do suicídio é uma função decrescente da ortodoxia religiosa. Não obstante, a suposição de que neste grupo a ortodoxia religiosa seria o principal preditor da atitude frente ao suicídio não se confirmou, uma vez que o medo da morte surge como melhor preditor. A hipótese relativa ao grupo extrínseco não se confirmou, uma vez que os dados revelam que não existe, neste grupo, relação entre ortodoxia religiosa e medo da morte, e que nem ortodoxia, nem medo da morte são preditores da aceitação do suicídio.

1. Introdução

Uma das funções primárias do eu parece estar relacionada à preocupação com a morte e a experiência temporal, e mais especificamente a perspectiva de tempo futuro. Aliás, Morin (1975) ressalta que no homem de Neandertal se

* Projeto desenvolvido pelo Programa de Tanatologia do Centro Brasileiro de Pesquisas Psicossociais do ISOP/FGV, sob chefia de Monique Augras. Consultor estatístico: Cílio Ziviani. Colaboração estatística: Maria Lucia Delamare. Estagiária: Rosa Maria Pedro. (Artigo apresentado à Redação em 2.1.86.)

** Coordenadora (Endereço: Rua Candelária 6 — 2.° andar — Centro — 20.091 — Rio de Janeiro, RJ.)

Equipe técnica — psicólogas do ISOP/FGV: Wanda Gurgel Guedes Ruth da Costa Torres e Teresinha Henriques Ebert.

pode detectar "um pensamento que não é totalmente investido no ato presente", uma vez que suas sepulturas sugerem uma crença, uma cerimônia fúnebre, um funeral e a sobrevivência do morto, o que indica no *sapiens* a emergência de um grau mais complexo e de uma nova qualidade do conhecimento consciente.

Também a análise de Fraisse (1963) confirma que a atitude normal do homem é orientada para o futuro, afirmando, inclusive, que mesmo quando esta atitude se caracteriza pela exacerbação, dificilmente se torna patológica, pois sua lógica implica sempre um esforço criativo. O desejo de mudança é sempre, sem dúvida, o resultado de insatisfação com o presente, mas origina-se também de um sentimento de que o futuro pode conter algo de diferente do passado. Nada há de doentio nisso; somente ocorre o desequilíbrio quando não mais agimos procurando realizar este futuro na realidade mas nos refugiamos no devaneio ou na fantasia. Esta atitude, entretanto, insiste Fraisse, nunca indica uma condição tão grave como aquela que ocorre quando o futuro parece bloqueado.

Segundo Fraisse (1963), há dois modos de perceber o tempo futuro: ele é ou a expectativa de uma conquista para a qual estamos avançando ou a antecipação de algo indeterminado, acompanhada por um sentimento de insegurança, ansiedade ou mesmo angústia. Nesta última forma de percepção a experiência de vida é reduzida à experiência de futuro, e o que ocorre é uma espera passiva do futuro que caminha em nossa direção em vez de caminharmos em direção a ele.

Um grande número de religiões judaico-cristãs enquadra-se no primeiro modo de percepção do futuro. A perspectiva de imortalidade para elas é a de uma perspectiva futura que dinamiza o presente e atua sobre ele na medida em que a qualidade de vida depois da morte vai depender das ações realizadas no aqui e agora. Portanto, para estas religiões, a perspectiva do futuro está vinculada à ação no presente e, conseqüentemente, a futuridade é percebida como uma conquista para a qual se está avançando, conquista esta que vai depender das ações no presente. Não há futuro sem haver ao mesmo tempo um desejo de alguma coisa e do conhecimento da possibilidade de atingi-la.

Por outro lado, a perspectiva de imortalidade que implica a percepção da morte não como um absoluto, mas como uma alteração de estado, uma mudança, uma passagem, deve reduzir o medo da morte nas pessoas portadoras desta dimensão, pelo menos em relação ao medo de deixar de ser. Jacques Choron (1964), em sua análise do medo da morte, distingue três tipos de medo da morte: o indivíduo pode temer o que vem depois da morte, o evento de morrer, ou "deixar de ser". É este último medo, isto é, a apreensão sobre a própria extinção, que Kastembaum e Aisenberg (1983) consideram como medo básico da morte. É de se supor que as pessoas com perspectiva de imortalidade se preocupem menos com a perda de sua vida fenomenológica do que aquelas sem esta perspectiva. Aliás, Alexander e Adlerstein (1959) mostraram que a ansiedade frente à morte é mais rapidamente estimulada entre as pessoas que não tomam posição quanto à imortalidade.

Não obstante, estudos empíricos que exploram a relação entre religiosidade e medo da morte são ainda contraditórios, como demonstra Leming (1975), ao fazer um levantamento da literatura psicológica e social sobre a morte e o morrer. Dos 25 estudos empíricos sobre a relação entre religiosidade e medo da morte que relatou, 10 encontraram relações inversas, três, relações positivas, três, relações curvilíneas e sete não encontraram nenhuma relação.

Em sua pesquisa, Leming (1975) observou uma relação curvilínea entre as variáveis religiosidade e medo da morte. Pela análise feita, os indivíduos muito religiosos ou não-religiosos têm uma tendência a demonstrar menos ansiedade em relação à morte do que os indivíduos moderadamente religiosos.

Os resultados da pesquisa de Martin e Wrightman Jr. (1965) mostram que quanto mais atividade religiosa o sujeito comunica que pratica, menos ele relata ter medo da morte.

Swenson (1965) conclui que as atitudes de medo frente à morte numa população de idosos tendem a ser encontradas entre aqueles com pouca atividade religiosa.

Feifel (1959) encontrou que as pessoas religiosas têm mais medo da morte do que as não-religiosas. Ele sugere que os grupos religiosos usam a religião defensivamente numa tentativa de reduzir seu medo da morte. Entretanto, em outro estudo, Feifel e Heller (1962) consideram que este achado se refere a pessoas com crenças religiosas extrínsecas.

A pesquisa de Siegman (1961) com estudantes de medicina conclui que a religiosidade não é uma fonte significativa de variância nos escores de medo da morte dos sujeitos.

Williams e Cole (1968) constataram que os adultos jovens com alta participação religiosa mostram menos ansiedade em relação à morte. Cerny (1975) encontrou significativamente menos medo da morte em um grupo de 248 cristãos com formação universitária.

Kierniesky e Groelinger (1977) em um estudo sobre percepção e ansiedade frente à morte concluíram que estudantes universitários católicos percebem a morte como uma figura macabra e revelam maior ansiedade frente à morte do que seminaristas católicos que, por sua vez, percebem a morte como sábia e compreensiva.

Os resultados da pesquisa de Steward (1975) mostram uma correlação negativa significativa entre medo da morte e freqüência de comportamento religioso.

Os achados da pesquisa de Wilma da Costa Torres e outros (1983) também apontam para uma relação entre religiosidade e medo da morte, ou seja, as pessoas que se declararam religiosas estão entre aquelas que revelaram menor ansiedade frente aos aspectos inquietadores da morte e do morrer.

É possível que as pesquisas envolvendo o medo da morte sejam confusas e contraditórias porque, como observam Durlak e Kass (1981/1982), utilizam-se de escalas presumivelmente unidimensionais, mas que na realidade são multidimensionais. Desta forma, torna-se imprescindível que os investigadores atentem cuidadosamente para o constructo medido pelas escalas que utilizam. Os trabalhos de análise fatorial realizados por Durlak e Kass (1981/1982) e Hoelter (1979) são uma contribuição neste sentido, uma vez que apontam para a multidimensionalidade de escalas de medo da morte consideradas como unidimensionais. Além disso, Hoelter (1979), baseado em estudos teóricos e empíricos, hipotetizou que a relação entre religiosidade e medo da morte tem uma direção tanto positiva quanto negativa. A partir de uma abordagem multidimensional do medo da morte, encontrou que quatro dimensões do medo da morte — medo pelas pessoas significantes, medo da morte consciente, medo de ser destruído e medo em relação ao corpo depois da morte — correlacionaram positivamente com ortodoxia religiosa, enquanto que a dimensão medo do desconhecido, como era esperado, apresentou uma forte relação negativa

com ortodoxia religiosa. Considera ainda que as correlações não-significativas encontradas entre ortodoxia religiosa e as escalas de medo da morte de Boyar e Templer sugerem que estas escalas, ao combinarem tipos distintos de medo da morte, provavelmente cancelam possíveis reações potenciais positivas e negativas com a medida de religiosidade.

A partir do estudo de Moody (1977) cresceu o interesse a respeito do relato de experiências de pessoas que estiveram muito próximas da morte ou que passaram por um estado temporário de morte clínica. Apesar das múltiplas abordagens para explicar os resultados encontrados e da resistência do meio científico, este tipo de pesquisa vem aumentando nos últimos 10 anos e constatando, como um dos padrões comuns a este tipo de experiência, o do conhecimento da existência de um outro mundo (Noyes, 1982/1983). Também começam a se acumular evidências de que as pessoas que tiveram este tipo de experiência não só diminuem seu medo da morte como também modificam sua atitude em relação à vida, observando-se mesmo um decréscimo de intento suicida entre aquelas pessoas, cuja tentativa de suicídio levou a uma experiência de proximidade da morte.

As abordagens filosófica e psicanalítica do suicídio também apontam para a importante relação morte-tempo, morte-imortalidade.

Cassorla (1981), em seu levantamento sobre teorias e motivações dos atos autodestrutivos, menciona que para Zilboorg (1936) e Stengel (1970) o suicídio deriva do próprio instinto de autopreservação, pois através do suicídio o que o indivíduo busca é uma imortalidade fantasiada. Portanto, na realidade, ele não deseja a extinção mas uma autopreservação. Também para Garma (1952), o suicida não busca a morte apenas para livrar-se dos seus conflitos, para refugiar-se no nada, mas busca, na fantasia, novas possibilidades de vida.

Landsberg (1951), dentro de uma perspectiva filosófica, aproxima-se da abordagem psicanalítica quando afirma que o homem não desespera nunca, que desesperar é um ato impossível, contra a sua essência. O ato suicida não exprime o desespero mas uma esperança, talvez louca, desviada, que dirige o suicida à região desconhecida do além da morte. Na maioria dos casos, aquele que se mata não busca sua perdição ou o nada, busca alguma coisa vaga e desconhecida, mas ainda assim alguma coisa, uma esperança. Ele não quer destruir sua pessoa, mas salvá-la.

Como sugere a filosofia de Bergson com o seu conceito de *élan vital*, o indivíduo cujo conhecimento temporal estende-se ao futuro pode perceber-se como um participante do fluxo da vida, sendo a morte uma preocupação remota. Mas, como assinala Becker (1976, p. 190), "se você não tem (...) uma dimensão invisível que justifique o visível, então você pega o que estiver mais perto e à mão e resolve seus problemas com isto". Ainda como diz Becker (1976, p. 234), a "transcendência total da condição humana significa ilimitada possibilidade inimaginável por nós". Se a transcendência da condição humana está vinculada à crença na imortalidade, esta por sua vez surge, na teologia cristã, vinculada à fé, e, portanto, à esperança, tema fundamental da catequese cristã. A esperança teologal, embora diferindo da esperança natural, não se opõe a ela, mas a inspira e estimula. Aliás, toda esperança — tanto a natural como a teológica — é uma tensão em direção ao futuro; toda esperança consiste em um movimento para se lançar em direção ao que ainda falta. Portanto, toda esperança é um componente essencial do esforço e do progresso humano. É impossível empreender sem esperar.

A falta de esperança caracteriza o século XX, como demonstra Bars (1963), ao analisar a crítica à esperança da filosofia de Kant e Heiddeger. Não é de se estranhar, portanto, que este seja também o século da depressão. Aliás, Lowen (1983) analisa a importância da fé, e, portanto, da esperança na economia humana, quando diz: "Quanto mais eu pensava no problema da depressão, mais convencido eu me tornava de que a questão da fé era importante para sua compreensão (...). Fui forçado à conclusão de que o paciente deprimido é uma pessoa sem fé" (p. 136). (...) "Tanto para a sociedade como para o indivíduo a fé é a força que sustenta a vida e a faz movimentar-se para diante e para cima. Portanto, é a força que relaciona o homem com o futuro" (p. 140).

Estudos empíricos vêm demonstrando como a desesperança e a ausência de religião são fatores que podem estar significativamente associados ao comportamento suicida.

No que se refere à desesperança, Bedrosian e Beck (1979) mencionam os estudos de Pichot e Lempêrière (1964), Cropley e Weckowitz (1966), Beck (1963, 1967), Stotland (1969), Wetzel (1976), Gallagher (1972) e Topol e Reznikoff (1982). Também Beck (1963), como resultado de suas experiências psicoterápicas, conclui que o indivíduo suicida típico percebe sua situação como insustentável, não acredita que possa ser ajudado pelo tratamento, e considera o suicídio como o único recurso para seu desespero.

Yufit e outros (1970) demonstraram que pacientes suicidas, quando comparados com pacientes não-suicidas e normais, apresentaram menos enfoque no futuro e um conceito menos elaborado de perspectiva de tempo futuro, reforçando, portanto, a crença de que a desesperança desempenha um papel importante no comportamento suicida. Da mesma forma, Farnham-Digory (1964) relata que os pacientes suicidas apresentam uma perspectiva subjetiva mais limitada do futuro. Também uma análise do conteúdo das comunicações suicidas realizadas por Bjerg (1967) revela que em 81% das mensagens está expressa a crença de que os desejos não seriam realizados. Ganzler (1967) relata que embora três diferentes grupos psiquiátricos descrevam negativamente suas atuais situações de vida, somente o grupo suicida classifica o futuro em termos negativos.

Nos resultados da pesquisa de Dixon e Kinlaw (1982/1983), todos os indivíduos que acreditavam que iriam experienciar uma vida depois da morte também acreditavam que seria uma existência favorável a eles.

No que se refere à religiosidade, os resultados das pesquisas tendem a reforçar a hipótese de que a religião é um fator inibidor do suicídio. Segundo Minear e Brush (1980/1981), estudantes não-religiosos são mais propensos a aceitar o suicídio como opção caso a vida se torne muito difícil. Nelson (1977) demonstra que a intensidade do comportamento religioso está negativamente associada com gestos de suicídio, e os trabalhos de Jacobs (1967) com os bilhetes dos suicidas mostram que muitas pessoas que praticam o suicídio lutam com suas convicções religiosas antes de eliminarem suas vidas. Entretanto, Hole (1971), examinando 30 pacientes depressivos, concluiu que a religiosidade geralmente não tem um efeito inibidor sobre o comportamento suicida. Finalmente, os resultados da pesquisa de Hoelter (1979) reforçam a hipótese de que a religiosidade está inversamente relacionada com a aceitação do suicídio.

Quanto à relação entre medo da morte e atitudes frente ao suicídio, ainda não está suficientemente esclarecida. Entretanto, pode-se hipotetizar que quanto

maior a ansiedade frente à morte, é menos provável que a pessoa use o suicídio para atingir a morte. A direção desta hipótese, sugerida na pesquisa de Templer (1970), não foi confirmada na pesquisa de Minear e Brush (1980/1981), na qual os estudantes que aceitavam a possibilidade de seu próprio suicídio se caracterizavam por uma ansiedade mais intensa frente à morte. Lester (1967) descobriu que em um grupo de adolescentes mentalmente perturbados, aqueles que tentaram ou ameaçaram se suicidar tinham menos medo da morte do que aqueles que nunca consideraram a possibilidade de suicídio. Mas Lester não encontrou associação entre as atitudes em relação ao suicídio e atitudes em relação à morte em uma população normal de universitários. Tarter e outros (1974) também não encontraram relação entre medo da morte e aceitação do suicídio em um grupo de pacientes psiquiátricos. A pesquisa de Hoelter (1979), entretanto, fornece algum embasamento para a hipótese de que a aceitação do suicídio é uma função decrescente do medo da morte.

Partindo destas perspectivas teórico-empíricas, é possível hipotetizar que tanto a religiosidade quanto o medo da morte interferem na atitude em relação ao suicídio.

Entretanto, um problema na definição e mensuração da religiosidade é o da distinção entre duas formas de religiosidade, uma que tende a ser explícita, pública, social, manifesta, institucionalizada e formalizada, e outra mais subjetiva, envolvendo atitudes pessoais, expectativa de resposta, de valores e de motivações — a dimensão espiritual de toda a vida.

Para designar esta distinção, têm sido usados os termos de religião consensual e compromissiva (Allen e Spilka, 1967, Allen, 1965), religião primária e secundária (Clark, 1958), compromisso moral e envolvimento calculado (Ashbrook, 1966) e orientação religiosa extrínseca e intrínseca (Feagin, 1964, Allport e Ross, 1967).

A maioria dos autores que fizeram tal distinção queria deixar implícita a hipótese de que os dois tipos não estão intimamente correlacionados ou mesmo que estão negativamente correlacionados. Entretanto, como assinala Dittes (1969), a validade de tal afirmação é questionada por análises freqüentes que sugerem que a relação entre esses dois aspectos da religião pode variar de uma correlação positiva para uma negativa. Também alguns estudos de análise fatorial fornecem confirmação empírica da independência dos tipos de religiosidade extrínseca-intrínseca (Feagin, 1964; Cline e Richards, 1965), embora outros não confirmem esta distinção (Keene, 1967*b*).

De qualquer forma, parece evidente que é impossível investigar a relação entre religiosidade e suicídio sem considerar a complexidade do fenômeno religioso.

Hoelter, em sua pesquisa (1979), mostrou que a aceitação do suicídio é uma função decrescente do medo da morte e da religiosidade. No entanto, ele não levou em conta a distinção entre as duas formas de orientação religiosa.

É possível supor, em relação à aceitação do suicídio, que aquelas pessoas definidas por Allport (1967) como religiosos intrinsecamente motivados — que vivem sua religião, que não fazem da religião um instrumental, um recurso de conformismo — difiram das pessoas com uma orientação religiosa extrínseca — que usam sua perspectiva religiosa para obter segurança, conforto, *status* ou apoio social.

Esta pesquisa, portanto, visa complementar a de Hoelter, introduzindo a dimensão orientação religiosa no estudo da relação entre religiosidade, medo

da morte e atitude frente ao suicídio. Tem por objetivo testar duas hipóteses, relativas a dois grupos de orientação religiosa, extrínseco e intrínseco:

- no grupo de orientação religiosa intrínseca, há uma relação inversa entre ortodoxia religiosa e medo da morte. A aceitação do suicídio é uma função decrescente da ortodoxia religiosa e esta é o principal preditor da aceitação do suicídio;

- no grupo de orientação religiosa extrínseca há uma relação direta entre ortodoxia religiosa e medo da morte. A aceitação do suicídio é uma função decrescente do medo da morte e da ortodoxia religiosa, e o medo da morte é o principal preditor da aceitação do suicídio.

2. **Metodologia e procedimentos**

2.1 *Amostra*

A amostra compõe-se de 262 sujeitos universitários distribuídos da seguinte forma: 136 católicos, sendo 25 do curso de Teologia da Universidade Santa Úrsula, 29 do curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e 82 originários dos cursos de Psicologia e Serviço Social da UFRJ e Pedagogia da Universidade Santa Úrsula; 72 batistas, sendo 67 do curso de Teologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e cinco originários da UFRJ e Universidade Santa Úrsula; 48 adventistas da Igreja Adventista do Sétimo Dia — Central e Botafogo — do Rio de Janeiro, originários de vários cursos e universidade; um metodista e cinco sem afiliação religiosa.

Deste total, 144 são do sexo feminino e 118 do sexo masculino. Apenas 58 declararam não praticar sua religião.

2.2 *Instrumentos*

2.2.1 Escala de aceitação do suicídio

A Escala de aceitação do suicídio em sua forma definitiva se compõe de 20 itens, sendo quatro traduzidos e/ou adaptados da Escala de aceitação do suicídio, de Hoelter (1979), e 16 especialmente elaborados para a presente pesquisa.

Os itens são dispostos em uma escala tipo Likert de cinco pontos — de concordo plenamente a discordo plenamente. Dos 20 itens, 18 recebem escore 5 para concordo plenamente e dois são computados inversamente. O escore total é a soma dos escores obtidos nos 20 itens.

As correlações item-escala total variam de 0,24 a 0,79 e o coeficiente de fidedignidade, calculado pelo método Alpha de Cronbach, é de Alpha = 0,91.

Os estudos de análise fatorial realizados na fase preliminar sugeriram a presença de três fatores que foram assim denominados: *depressão/desesperança*, responsável por 65,6% da variância (*eigenvalue* = 12,10) e cujos itens avaliam sentimentos de desânimo, abatimento, bem como ausência de perspectiva de futuro; *incapacidade para lidar com situações ameaçadoras de vida*, res-

ponsável por 10,9% da variância (*eigenvalue* = 2,01), cujos itens avaliam a percepção de situações de vida como insustentáveis, sem possibilidade de tratamento ou ajuda; *projeção suicida,* responsável por 6,8% da variância (*eigenvalue* = 1,25), cujos itens avaliam a ideação suicida projetada no outro.

2.2.2 Escala de medo da morte

A Escala de medo da morte é uma tradução e adaptação da escala de 15 itens desenvolvida por Leming (1979/1980). Na presente pesquisa, a forma definitiva é constituída de 14 itens de respostas tipo Likert, com cinco alternativas que vão de concordo plenamente a discordo plenamente. Dos 14 itens, nove recebem escore 5 para concordo plenamente e cinco recebem pontuação inversa. O escore total é a soma dos escores obtidos nos 14 itens.

As correlações item-escala total variam de 0,38 a 0,66, sendo o coeficiente de fidedignidade calculado pelo método Alpha de Cronbach, Alpha = 0,86.

Dos estudos de análise fatorial realizados na fase preliminar emergiram dois fatores, responsáveis por 92% da variância total, e que foram denominados: *reação negativa ao sofrimento do processo de morrer,* responsável por 74,1% da variância (*eigenvalue* = 5,33), cujos itens avaliam o sofrimento no processo de morrer, a preocupação com o fato da morte interromper projetos inacabados, e medo da dependência no processo de morrer. Este fator corresponde aproximadamente ao que Jacques Choron (1964) chamou de medo do evento de morrer; *preocupação com o desconhecido e a vida após a morte,* responsável por 17,9% da variância (*eigenvalue* = 1,28), e cujos itens avaliam a preocupação com a perda da identidade, o desconhecido e a vida após a morte. Este fator envolve, portanto, dois tipos de medo da morte, designados por Jacques Choron como medo do que vem depois da morte e medo de deixar de ser, medo este que Kastembaum e Aisenberg (1983) consideraram o medo básico da morte.

Um terceiro fator, menor porém interpretável, responsável por apenas 8% da variância, emergiu e foi denominado *preocupação com o destino do corpo,* avaliando seus itens sentimentos relacionados a estímulos especificamente ligados com a morte, tais como ser colocado em um caixão e a decomposição do corpo. Apesar da pequena contribuição deste fator na variabilidade dos escores (*eigenvalue* = 0,57), seus itens foram mantidos devido às altas correlações com a escala total e ao fato desta dimensão ter emergido como fator em outros estudos de análise fatorial (Durlak & Kass, 1981/1982).

2.2.3 Escala de ortodoxia religiosa

A Escala de ortodoxia religiosa está fundamentalmente apoiada nas escalas de Glock e Stark (1966), Faulkner e DeJong (1965), King e Hunt (1969), Putney e Middleton (1961), Lenski (1963), Martin e Westie (1959), Thouless (1935), Brown (1962), Brown e Lowe (1951), Poppleton e Pilkington (1963). Em sua forma definitiva compõe-se de 23 itens dispostos em uma escala tipo Likert de cinco pontos — de concordo plenamente a discordo plenamente. Destes, 18 recebem escore 5 para concordo plenamente e cinco recebem pontuação inversa. O escore total é a soma dos escores obtidos nos 23 itens.

As correlações item-escala total variam de 0,53 a 0,87 e o coeficiente de fidedignidade estimado pelo método Alpha de Cronbach é de Alpha = 0,96.

Dos estudos de análise fatorial emergiu um amplo fator, responsável por 82,4% da variância total (*eigenvalue* = 25,24), denominado *ortodoxia doutrinal,* uma vez que seus itens avaliam a adesão a crenças fundamentais das religiões cristãs, tais como Trindade, Cristo encarnado, Seu nascimento de uma virgem e Sua obra redentora, Seu segundo advento, a vida eterna, milagres e a Bíblia como livro revelado por Deus.

Três outros fatores menores emergiram: o fator 2 (*eigenvalue* = 2,03), cujos itens avaliam a crença em diferentes seres espirituais como anjos e demônios; o fator 3 (*eigenvalue* = 1,37), cujos itens avaliam a crença nos atributos de Deus, e o fator 4 (*eigenvalue* = 1,18), cujos itens avaliam a crença na existência de Deus, os quais respondem respectivamente por 6,5%, 4,5% e 3,9% da variância total. Entretanto, a relevância do fator 1, bem como a homogeneidade da escala, demonstrada nas correlações entre os itens e itens-escala total, apontam para a unidimensionalidade da ortodoxia religiosa, já demonstrada em estudos anteriores, tais como o citado por Hoelter (1979) com a escala de Putney e Middleton. Na seleção final dos itens, foram mantidos itens saturados nos quatro fatores, eliminando-se apenas aqueles que tivessem conteúdo semelhante a outros já selecionados.

2.2.4 Escala de orientação religiosa extrínseca-intrínseca

A Escala de orientação religiosa extrínseca-intrínseca é uma tradução e adaptação da escala desenvolvida em Harward por Feagin (1964), Allport e Ross (1967) para medir os dois pólos da orientação religiosa — a orientação extrínseca e a intrínseca.

No presente estudo, em sua forma definitiva, esta escala compõe-se de 14 itens, sendo oito para a subescala intrínseca, e seis para a subescala extrínseca. Os itens são pontuados de 1 a 5, com 4 e 5 indicando orientação extrínseca, 1 e 2 indicando orientação intrínseca e 3 sendo atribuído a qualquer item omitido pelo respondente. O escore total é a soma dos escores obtidos nos 14 itens, podendo-se também computar os itens separadamente, isto é, considerando-se duas subescalas, a intrínseca e a extrínseca.

As correlações item-escala total variam de —0,09 a 0,69, sendo a fidedignidade da escala total pelo coeficiente Alpha de Cronbach, de Alpha = 0,71.

As correlações item-subescala intrínseca variam de 0,58 a 0,80, sendo a fidedignidade desta subescala Alpha = 0,88. As correlações item-subescala extrínseca variam de 0,12 a 0,34, sendo o coeficiente de fidedignidade Alpha = 0,54.

Os estudos de análise fatorial realizados na fase experimental sugerem a presença de dois fatores que foram denominados: *prática devocional e importância da crença* (fator 1), responsável por 59,7% (*eigenvalue* = 6,11) e definido pelos itens de freqüência à igreja, devoção privada, além daquele que reflete a definição mais específica de Allport de intrinsidade e que se refere à aplicação da religião à vida diária; *motivação utilitária da crença* (fator 2), responsável por 20,2% da variância total (*eigenvalue* = 2,08), cujos itens refletem a definição mais estrita de extrinsidade de Allport em termos de utilização de recursos espirituais da religião para obtenção de bem-estar pessoal.

Dois outros fatores menores emergiram e foram denominados: *experiência de comunhão com Deus*, responsável por 7,2% da variância total (*eigenvalue* = 0,74), e cujos itens pertencem todos à subescala intrínseca de Allport; *motivação utilitária da Igreja como instituição social*, responsável por 5,4% da variância (*eigenvalue* = 0,55), cujos itens pertencem todos à subescala extrínseca de Allport, refletindo a afiliação à Igreja como organização social para obter vantagem.

Os resultados da análise fatorial parecem apontar para a existência das duas dimensões da orientação religiosa, mas não como variáveis unitárias. A dimensão intrínseca parece resultar da associação dos fatores: prática devocional e importância da crença e experiência de comunhão com Deus: a dimensão extrínseca parece resultar da associação dos fatores motivação utilitária da crença e motivação utilitária da Igreja como instituição social.

2.3 *Procedimentos*

A aplicação das escalas foi realizada no período de 1983/84, nas próprias universidades, à exceção do grupo adventista, cuja aplicação foi realizada na própria igreja, com a colaboração do departamento de jovens. As escalas foram aplicadas coletivamente por quatro psicólogos integrantes do Programa de Estudos e Pesquisas em Tanatologia, do CBPP do ISOP, e por uma estagiária do programa, aluna do 10º período de créditos do Instituto de Psicologia da UFRJ. A aplicação era iniciada com o seguinte esclarecimento:

"Somos psicólogos do Centro de Pesquisas Psicossociais do ISOP, da Fundação Getulio Vargas. No momento estamos realizando um estudo de sondagem de atitudes em pessoas religiosas, com formação universitária. Para a aplicação de nossos instrumentos, estamos solicitando a colaboração de vocês. Entretanto, vocês são inteiramente livres para participarem ou não."

Encerrada a aplicação, agradecia-se a colaboração. Um mínimo de sujeitos, em torno de 1%, recusou sua participação.

As escalas eram distribuídas em um único caderno cuja montagem foi feita ordenando-se as escalas em quatro formas alternativas.

Os escores dos 262 sujeitos foram avaliados, e, de acordo com os resultados obtidos na Escala de orientação religiosa extrínseca-intrínseca, selecionados dois grupos: os consistentemente intrínsecos e os consistentemente extrínsecos. Segundo o critério de Allport, consideraram-se como consistentemente extrínsecos os sujeitos cujos escores se situaram acima da média nas duas subescalas, e como consistentemente intrínsecos os sujeitos cujos escores se situaram abaixo da média nas duas subescalas. Desta forma, a amostra ficou reduzida de 262 para 143 sujeitos, sendo 93 consistentemente intrínsecos e 50 consistentemente extrínsecos.

Uma análise dos escores dos sujeitos nos dois grupos possibilitou a identificação de seis sujeitos atípicos em relação aos seus respectivos grupos. Estes sujeitos foram retirados da amostra, ficando a mesma constituída de 137 sujeitos, sendo 88 intrínsecos e 49 extrínsecos.

A fim de testar as hipóteses da pesquisa, análises de regressão múltipla foram calculadas para os grupos extrínseco e intrínseco. De acordo com os

pressupostos teóricos, utilizou-se o método de decomposição hierárquica, considerando-se para o grupo intrínseco a medida de ortodoxia religiosa como principal preditor e para o grupo extrínseco o medo da morte como principal preditor, ou seja, estabeleceu-se para o grupo intrínseco a inclusão, no primeiro lugar, da variável ortodoxia, e para o grupo extrínseco a inclusão, no primeiro lugar, da variável medo da morte. O nível de significância foi fixado em 0,05.

Um tratamento multidimensional do medo da morte foi ainda planejado, e análises de regressão múltipla foram calculadas a fim de verificar o efeito combinado da ortodoxia religiosa com diferentes dimensões do medo da morte sobre a aceitação do suicídio. Para isto foram utilizadas subescalas do medo da morte organizadas em função dos três fatores que emergiram da análise fatorial.

O tratamento dos dados foi realizado através de computador, utilizando-se o Statistical Package for The Social Science (SPSS).

3. Resultados

As correlações entre as medidas de ortodoxia religiosa, medo da morte e aceitação do suicídio para o grupo intrínseco são encontradas na tabela 1.

Tabela 1

Correlação entre ortodoxia religiosa, medo da morte e aceitação do suicídio para o grupo intrínseco

	Ortodoxia	Medo da morte	Aceitação do suicídio
Ortodoxia	—	−0,12	−0,36
Medo da morte	−0,12	—	0,44
Aceitação do suicídio	−0,36	0,44	—

O exame da tabela 1 oferece algum embasamento para a primeira hipótese, uma vez que a ortodoxia religiosa está inversamente relacionada com a aceitação do suicídio (—0,36, $p < 0,01$). A relação entre medo da morte e aceitação do suicídio é direta e levemente maior (0,44, $p < 0,01$). Quanto à relação entre as variáveis independentes ortodoxia/medo da morte, é fraca (—0,12), embora na direção esperada. O sumário da análise da regressão múltipla pelo método hierárquico é encontrado na tabela 2.

Tabela 2

Sumário da análise da regressão múltipla para o grupo intrínseco

	Aceitação do suicídio				
	R	R^2	r	B	β
Ortodoxia	0,36	13%	−0,36	−0,30	−0,31
Medo da morte	0,54	29%	0,44	0,33	0,40
Constante	—	—	—	49,56	—

As correlações múltiplas entre ortodoxia religiosa, medo da morte e aceitação do suicídio são: quando só a ortodoxia entra na equação 0,36($P(1,86) = 13,46$, $p < 0,01$); quando ortodoxia religiosa e medo da morte entram combinados 0,54($P(2,85) = 18,08$, $p < 0,01$). A ortodoxia religiosa é responsável por 13% da variância explicável em aceitação do suicídio, e ortodoxia religiosa e medo da morte combinados são responsáveis por 29% da variância. Os coeficientes de regressão são $\beta = -0,31$ para ortodoxia religiosa e $\beta = 0,40$ para medo da morte. Desta forma:

$$Y' = -0,31 \text{ (ortodoxia)} + 0,40 \text{ (medo)}$$

Conforme foi hipotetizado, a aceitação do suicídio no grupo intrínseco é uma função decrescente da ortodoxia religiosa. Entretanto, a suposição de que a ortodoxia seria o principal preditor da aceitação do suicídio não se confirmou, uma vez que o medo surge como um melhor preditor.

As correlações entre as medidas de ortodoxia religiosa, medo da morte e aceitação do suicídio para o grupo extrínseco são encontradas na tabela 3.

Tabela 3

Correlação entre ortodoxia religiosa, medo da morte e aceitação do suicídio para o grupo extrínseco

	Medo da morte	Ortodoxia	Aceitação do suicídio
Medo da morte	—	−0,02	−0,15
Ortodoxia	−0,12	—	−0,18
Aceitação do suicídio	−0,15	−0,18	—

O exame da tabela 3 revela que a aceitação do suicídio está inversamente relacionada com o medo da morte e ortodoxia religiosa, embora sendo fracas as correlações. Um dado surpreendente, no caso do grupo extrínseco, é a inexistência de correlação entre ortodoxia religiosa e medo da morte.

O sumário da análise da regressão múltipla pelo método hierárquico para o grupo extrínseco é encontrado na tabela 4.

Tabela 4

Sumário da análise da regressão múltipla para o grupo extrínseco

	Aceitação do suicídio				
	R	R^2	r	B	β
Medo	0,15	0,02	−0,15	−0,15	−0,16
Ortodoxia	0,24	0,05	−0,18	−0,15	−0,18
Constante	—	—	—	54,07	—

As correlações múltiplas entre medo da morte, ortodoxia religiosa e aceitação do suicídio são: quando só o medo da morte entra na equação 0,15($F(1,47) = 1,17$, não-significativo); quando medo da morte e ortodoxia religiosa entram combinados 0,24 ($F(2,46) = 1,44$, não-significativo). Assim, nem o medo da morte ($R^2 = 0,02$), nem medo da morte e ortodoxia combinados ($R^2 = 0,05$) explicam a variância em aceitação do suicídio. A segunda hipótese, relativa ao grupo extrínseco, não foi, portanto, confirmada pelos resultados.

Os estudos subseqüentes envolvendo o tratamento multidimensional do medo da morte revelam que, para o grupo intrínseco, quando são consideradas as correlações entre as diferentes dimensões de medo da morte e ortodoxia religiosa (tabela 5), apenas preocupação com o desconhecido e a vida após a morte apresenta uma relação inversa e significativa com ortodoxia (—0,31, $p < 0,01$), sendo as demais nulas. Quando são consideradas as correlações entre as três dimensões de medo da morte e aceitação do suicídio (tabela 6), os dados revelam que todas as dimensões estão direta e altamente relacionadas com a aceitação do suicídio, sendo as mais altamente relacionadas: preocupação com o desconhecido e vida após a morte (0,34), e preocupação com o destino do corpo (0,33).

Tabela 5

Correlações entre as dimensões de medo da morte e ortodoxia religiosa para o grupo intrínseco

Medo da morte	Ortodoxia religiosa
Reação negativa ao sofrimento do processo de morrer	0,03
Preocupação com o desconhecido e a vida após a morte	−0,31*
Preocupação com o destino do corpo	−0,04

* $p < 0,01$.

Tabela 6

Correlações entre as dimensões de medo da morte e aceitação do suicídio para o grupo intrínseco

Medo da morte	Aceitação do suicídio
Reação negativa ao sofrimento do processo de morrer	0,23*
Preocupação com o desconhecido e a vida após a morte	0,34*
Preocupação com o destino do corpo	0,33*

* $p < 0,01$.

O sumário das análises de regressão múltipla, envolvendo o tratamento multidimensional do medo da morte para o grupo intrínseco, é encontrado na tabela 7.

Tabela 7

Sumário das análises de regressão múltipla para o grupo intrínseco considerando as diferentes dimensões de medo da morte

	Aceitação do suicídio				
	R	R^2	*r*	*B*	β
Ortodoxia	0,36	13%	−0,36	−0,35	−0,37
Reação negativa ao sofrimento do processo de morrer	0,44	19%	0,23	0,31	0,24
Constante	—	—	—	61,42	—
Ortodoxia	0,36	13%	−0,36	−0,27	−0,28
Preocupação com o desconhecido e a vida após a morte	0,44	19%	0,34	0,52	0,25
Constante	—	—	—	52,39	—
Ortodoxia	0,36	13%	−0,36	−0,33	−0,35
Preocupação com o destino do corpo	0,48	23%	0,33	0,53	0,31
Constante	—	—	—	59,00	—

As correlações múltiplas entre ortodoxia religiosa, as três dimensões de medo da morte e a aceitação do suicídio foram: quando só a ortodoxia religiosa entra na equação 0,36 ($F(1,86) = 13,46, p < 0,01$); quando ortodoxia religiosa e a dimensão reação negativa ao sofrimento do processo de morrer entram combinados 0,44 ($F(2,85) = 10,42, p < 0,01$). Assim, ortodoxia religiosa responde por 13% da variância explicável em aceitação do suicídio. Ortodoxia religiosa e a dimensão de medo, e reação negativa ao sofrimento do processo de morrer, combinados, são responsáveis por 19% da variância. Os coeficientes de regressão são: $\beta = -0,37$ para ortodoxia religiosa e $\beta = 0,24$ para reação negativa ao sofrimento do processo de morrer. Desta forma:

$Y' = -0,37$ (ortodoxia) $+ 0,24$ (reação negativa ao sofrimento do processo de morrer)

Quando ortodoxia religiosa e a dimensão preocupação com o desconhecido e a vida após a morte entram combinados, a correlação múltipla é de 0,44 ($F(2,85) = 10,27, p < 0,01$). A ortodoxia religiosa e a preocupação com o desconhecido e a vida após a morte respondem por 19% da variância em aceitação do suicídio. Os coeficientes de regressão são: $\beta = -0,28$ para ortodoxia e $\beta = 0,25$ para a dimensão preocupação com o desconhecido e a vida após a morte. A equação resultante é, portanto:

$Y' = -0,28$ (ortodoxia) $+ 0,25$ (preocupação com o desconhecido e a vida após a morte)

Quando a ortodoxia religiosa e a dimensão preocupação com o destino do corpo entram combinados, a correlação múltipla é de 0,48 ($F(2,85) = 13,03$, $p < 0,01$). A ortodoxia religiosa e a preocupação com o destino do corpo combinados respondem por 23% da variância em aceitação do suicídio. Os coeficientes de regressão são: $\beta = -0,35$ para ortodoxia e $\beta = 0,31$ para a terceira dimensão do medo-preocupação com o destino do corpo. A equação:

$$Y' = -0,35 \text{ (ortodoxia)} + 0,31 \text{ (preocupação com o destino do corpo)}$$

Assim, no grupo de orientação religiosa intrínseca, quando o medo da morte é considerado em sua multidimensionalidade e combinado com a ortodoxia religiosa para predição da aceitação do suicídio, a ortodoxia surge como preditor levemente melhor de que cada uma das dimensões do medo.

Quanto ao grupo extrínseco, as análises de regressão envolvendo o tratamento multidimensional do medo da morte reforçaram os resultados encontrados, quando do tratamento unidimensional, uma vez que nem a ortodoxia nem cada uma das dimensões de medo surgem como preditores da aceitação do suicídio (tabelas 8, 9 e 10).

É possível que estes resultados se devam em parte ao pequeno número de sujeitos extrínsecos encontrados na amostra .

Tabela 8

Correlações entre as dimensões de medo da morte e ortodoxia religiosa para o grupo extrínseco

Medo da morte	Ortodoxia religiosa
Reação negativa ao sofrimento do processo de morrer	−0,11
Preocupação com o desconhecido e a vida após a morte	−0,06
Preocupação com o destino do corpo	0,16

Tabela 9

Correlações entre as dimensões de medo da morte e aceitação do suicídio para o grupo extrínseco

Medo da morte	Aceitação do suicídio
Reação negativa ao sofrimento do processo de morrer	−0,05
Preocupação com o desconhecido e a vida após a morte	−0,24*
Preocupação com o destino do corpo	0,05

* $p < 0,05$.

Tabela 10

Sumário das análises de regressão múltipla para o grupo extrínseco considerando as diferentes dimensões de medo da morte

	Aceitação do suicídio				
	R	R^2	*r*	*B*	β
Reação negativa ao sofrimento do processo de morrer	0,05	0,00	−0,05	−0,16	−0,07
Ortodoxia	0,19	0,03	−0,18	−0,15	−0,19
Constante	—	—	—	50,17	—
Preocupação com o desconhecido e a vida após a morte	0,24	0,06	−0,24	−0,55	−0,26
Ortodoxia	0,31	0,10	−0,18	−0,16	−0,20
Constante	—	—	—	55,61	—
Preocupação com o destino do corpo	0,05	0,00	−0,05	−0,06	−0,02
Ortodoxia	0,18	0,03	−0,18	−0,14	−0,17
Constante	—	—	—	47,21	—

4. Discussão

Os resultados da presente pesquisa oferecem embasamento para a hipótese relativa ao grupo intrínseco: a ortodoxia religiosa e o medo da morte estão inversamente relacionados neste grupo, e a aceitação do suicídio diminui na medida em que a ortodoxia religiosa aumenta. Não obstante, a relação entre as variáveis independentes ortodoxia/medo da morte só fica esclarecida quando da abordagem multidimensional do medo, a qual revelou que a única dimensão do medo que se relaciona significativamente com ortodoxia religiosa é a preocupação com o desconhecido e a vida após a morte ($-0{,}31$, $p < 0{,}01$).

No que se refere à segunda parte da hipótese, a de que a ortodoxia religiosa seria o principal preditor da atitude frente ao suicídio, não se confirma quando o medo da morte é tratado unidimensionalmente, uma vez que o medo da morte surge na equação de predição como um melhor preditor. Entretanto, quando o medo da morte é tratado multidimensionalmente, a ortodoxia surge sempre como um melhor preditor da aceitação do suicídio do que cada uma das dimensões do medo.

As relações entre ortodoxia religiosa e as três diferentes dimensões do medo da morte, já eram, de certa forma, esperadas. Assim, a preocupação com o desconhecido e a vida após a morte diminui nos sujeitos intrinsecamente religiosos à medida que aumenta sua crença na ortodoxia religiosa, o que se compreende se se considerar que este é um medo de natureza predominantemente metafísico, e que a ortodoxia confere ao homem uma perspectiva de futuridade que ultrapassa a vida fenomenológica. Aliás, também na pesquisa

de Hoelter (1979) este foi o único tipo de medo da morte que apresentou uma relação inversa com as medidas de ortodoxia religiosa. Este resultado, portanto, aponta para a importância da psicologia levar em conta a dimensão metafísica do homem para não corrompê-lo, o que poderá acontecer, como assinala Viktor Frankl (1971), quando seu conceito sobre este for limitado e por isto mesmo inverídico.

Por outro lado, a ausência de relação entre ortodoxia religiosa e reação negativa ao sofrimento do processo de morrer revela que o medo do sofrimento físico que pode estar presente no processo de morrer independe da crença na ortodoxia religiosa; isto se justifica porque, embora a ortodoxia religiosa possa revestir este medo de um significado transcendental e dar a ele uma direção teleológica, em sua natureza ele é de ordem mais física do que metafísica.

Também a dimensão preocupação com o destino do corpo após a morte não afeta nem é afetada pela ortodoxia religiosa; é possível que isto ocorra por se tratar de um tipo de medo detonador de fantasias de ameaça ao narcisismo, de fantasias claustrofóbicas e de fantasias de abandono e, portanto, de natureza mais personalógica do que metafísica.

Quanto ao poder de predição da ortodoxia religiosa e do medo da morte, mais uma vez a dupla abordagem da variável medo se revelou importante como método de análise. Esperava-se, com a abordagem multidimensional do medo, avaliar a contribuição de cada uma das dimensões, a fim de verificar se haveria alguma dimensão tão relevante que pudesse inflacionar o peso do medo quando da abordagem unidimensional. Os resultados desta abordagem revelaram que não apenas a ortodoxia surge sempre como melhor preditor, como também nenhuma das dimensões de medo tem valor inflacionário.

Assim, estes resultados apontam para o fato de que, quando se trata de predição, este tipo de análise, que decompõe o medo em suas dimensões, deixa de lado o medo da morte como um processo complexo e dinâmico. Por outro lado, ressaltam a importância de uma lei da *gestalt*, segundo a qual o todo resulta não do somatório das partes mas é algo novo e diferente que transcende a este somatório. O medo da morte como um processo global é um fenômeno novo e diferente da soma de suas dimensões, e é este medo, resultante da interação dinâmica de todas as suas dimensões, que atua no sujeito. Por isto, se a abordagem multidimensional é metodologicamente importante para clarificar algumas relações e ressaltar alguns aspectos, por outro lado seus resultados devem ser vistos com cautela, porque podem camuflar algo que é, do ponto de vista psicológico, mais real e mais relevante. Complementarmente, cabe ainda ressaltar que, ao nível da análise estatística, a abordagem multidimensional provoca, neste caso específico, uma diminuição das fontes de variância verdadeira, na medida em que trabalha com uma restrição de amplitude, o que faz decrescer a magnitude dos coeficientes encontrados.

Com relação ao grupo extrínseco, apesar da hipótese não ter sido confirmada, chama atenção o fato de que a relação entre preocupação com o desconhecido e a vida após a morte e aceitação do suicídio é a única significativa ($r = -0{,}24$). Ora, como neste grupo esta dimensão do medo não se relaciona com ortodoxia ($r = -0{,}06$), sua relação com aceitação do suicídio provavelmente reforça as teorias psicanalíticas sobre o suicídio, no que se refere à busca de uma imortalidade fantasiada e à busca, na fantasia, de novas possibilidades de vida. Ou seja, quando a preocupação com o desconhecido e a

vida após a morte diminui, e aumenta a aceitação do suicídio, esta relação ocorre provavelmente devido a fantasias neuróticas de imortalidade; tanto assim que na medida em que aumenta esta preocupação — e aumenta provavelmente porque não existem as fantasias neuróticas de imortalidade — diminui a aceitação do suicídio.

De qualquer forma, os resultados apontam para a necessidade de novos estudos sobre o grupo extrínseco, com amostras maiores, e que investiguem não só a variável medo, como outras ligadas à personalidade.

Finalmente, os resultados da presente pesquisa embasam e consolidam o papel da religião e de formas de aconselhamento para prevenção do suicídio orientados religiosamente. Ainda de acordo com os resultados, na linha da ortodoxia religiosa, surge como aspecto mais relevante a ser trabalhado, por ser provavelmente o de maior valor terapêutico, aquele que proporciona perspectiva de futuro.

No que se refere ao medo da morte, a dimensão preocupação com o desconhecido e a vida após a morte surge como a única que pode vir a ser trabalhada terapeuticamente na prevenção do suicídio, quer na perspectiva de um aconselhamento orientado religiosamente, quer na perspectiva psicanalítica.

Em suma, estes resultados reforçam não só muitas das indagações como também a proposta terapêutica de Viktor Frankl (1971), para quem é chegado o momento de enfatizar não apenas a psicologia profunda, mas de olhar a existência humana em todas as suas dimensões. O homem não é apenas um ser biológico, psicológico e social, mas é também um ser espiritual, o que, segundo Frankl (1971), pode ser constatado até mesmo pelos efeitos colaterais da religião que são, inclusive, eminentemente psico-higiênicos.

Abstract

Studies two hypotheses about the relationship among religiosity, fear of death and attitude towards suicide, in two groups of different religious orientation: intrinsic and extrinsic. For the intrinsically religious oriented group, it has been hypothesized the existence of a reverse relationship between religious orthodoxy and fear of death, that the acceptance of suicide would be a decreasing function of the religious orthodoxy, and that religious orthodoxy would be the prime predictor of the attitude towards suicide; for the group whith extrinsic religious orientation, it was hypothesized the existence of a straight relationship between religious orthodoxy and fear of death, that the acceptance of suicide would be a decreasing function of orthodoxy and fear, and that fear of death would be the prime predictor of the attitude towards suicide. Scales were built and/or adapted to assess religious orientation, religious orthodoxy, fear of death, and attitude towards suicide. Data were gathered from a sample of 262 College students. Results supported the hypothesis relative to the intrinsically religious oriented group, in which religious orthodoxy and fear of death were inversely related and suicide acceptance was a decreasing function of religious orthodoxy. Nevertheless, the assumption that in this group the religious orthodoxy would be the prime predictor of the attitude towards suicide did not stand, since fear of death appears as the best predictor. The hypothesis relative to

the extrinsic group did not confirm, since data did not show any relationship, in this group, between religious orthodoxy and fear of death, showing also that neither orthodoxy nor fear of death are predictors of suicide acceptance.

Referências bibliográficas

Alexander, I. & Adlerstein, A. Death and religion. In: Feifel, H. ed. *The meaning of death*. New York, McGraw-Hill, 1959.

Allen, R. O. Religion and prejudice: an attempt to clarify the patterns of relationship. In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology*, 5:602-59, 1969.

——— & Spilka, B. Committed and consensual religion: a specification of religion-prejudice relationships. In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology*, 5:602-59, 1969.

Allport, G. W. & Ross, J. M. Personal religions orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5(4):432-43, 1967.

Ashbrook, J. B. The relationship of church members to church organization. In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology*, 5:602-59, 1969.

Bars, H. *Marche de l'espérance*. Paris, Les Éditions du Cerf, 1963.

Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 9(2):87-96, de 1979.

Beck, A. T. Thinking and depression: I. Idiosyncratic content and cognitive distortions. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 9(2):87-96, 1979*a*.

———. Depression: clinical, experimental and theoretical aspects. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 9(2):87-96, 1979*b*.

Becker, E *A negação da morte*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.

Bjerg, D. The suicidal life space. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 9(2):87-96, 1979.

Brown, L. B. A study of religious belief. In: Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.

Brown, D. & Lowe, W. Religious beliefs and personality characteristics of college students. In: Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.

Cassorla, R. M. S. *Jovens que tentam suicídio*. Tese de doutoramento. Campinas, Unicamp, 1981. 266p.

Cerny, L. Christian faith and thanatophobia. In: Steinzor, B. Death and the construction of reality: a revisit to the literature from 1960. *Omega*, 9(2):97-124, 1979/1979.

Choron, J. Modern man and mortality. In: Kastembaum, R. & Aisemberg, R. *Psicologia da morte*. São Paulo, Edusp, 1983.

Clark, W. H. The psychology of religion. In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology*, 5:602-59, 1969.

Cline, V. B. & Richard Jr., J. M. A factor analytic stud of religious belief and behavior. In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology*, 5:602-59, 1969.

Cropley, A. J. & Weckowitz, T. E. The dimensionality of clinical depression. In Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 9(2):87-96, 1979.

Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology*, 5:602-59, 1969.

Dixon, R. D. & Kinlaw, B. J. R. Belief in the existence and nature of life after death: a research note. *Omega*, *13*(3):287-92, 1982/1983.

Durlak, J. A. & Kass, R. A. Clarifying the measurement of death attitudes: a factor analytic evaluation of fifteen self-report death scales. *Omega*, *12*(2):129-41, 1981/1982.

Farnham-Digory, S. Self-evaluation and subjective life expectancy among suicidal and non-suicidal psychotic males. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal Behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 9(2):87-96, 1979.

Faulkner, J. E. & DeJong, G. F. Religiosity in 5-D: an empirical analysis. In Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.

Feagin, J. R. Prejudice and religious types: a focused study of southern fundamentalists.

In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handboock of Social Psychology, 5*:602-59, 1969.
Feifel, H. & Heller, J. Attitudes toward death in some normal and mentally ill populations. In: ——— & ——— ed. *The meaning of death*. New York, McGraw-Hill, 1959.
——— & ———. Normality, illness and death. In: Dickstein, L. S. & Blatt, S. J. Death concern, futurity and antecipation. *Journal of Consulting Psychology, 30*(1):11-7, 1966.
Fraisse, P. *The psychology of time*. New York, Evanton; London, Harper & Row, 1963.
Frankl, V. E. *The doctor and the soul*. New York, Bantam Book, 1971.
Gallagher, J. Parasuicide in Edinburgh. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 2*(2):87-96, 1979.
Ganzler, S. Some interpersonal and social dimensions of suicide behavior. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(2):87-96, 1979.
Garma, A. Sadismo y masoquismo en la conducta humana. In: Cassorla, R. M. S. Jovens que tentam suicídio. Tese de doutoramento. Campinas, Unicamp, 1981. 266p.
Glock, C. Y. On the study of religious commitment. In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology, 5*:602-59, 1979.
Glock, C. & Stark, R. Cristian beliefs and anti-semitism. In: Robinson J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute of Social Research, 1973.
Hole, G. Psychological attitudes which appear important to suicide. In: Hoelter, J. W. Religiosity, fear of death, and suicide acceptability. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(3):163-72, 1979.
Hoelter, J. W. Religiosity, fear of death and suicide acceptability. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(3):163-72, 1979*a*.
———. Multidimensional treatment of fear of death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 47*(3:996-9, 1979*a*.
Jacobs, J. Phenomenological study of suicide notes. In: Hoelter, J. W. Religiosity, fear of death and suicide acceptability. *Suicide Life-Threatening Behavior, 9*(3):163-72, 1979.
Kastembaum, R. & Aisenberg, Ruth. *Psicologia da morte*. São Paulo, Edusp, 1983.
Keene, J. Religious behavior and neuroticism, spontaneity and worldmindedness. In: Dittes, J. E. Psychology of religion. *The Handbook of Social Psychology, 5*:602-59, 1969.
Kierniesky, N. & Groelinger, L. General anxiety and death imagery in catholic seminarians and college students. *Journal of Psychology, 97*:199-203, 1977.
King, M. & Hunt, R. Measuring the religious variable: amended findings. In: Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.
Landsberg, P. L. *Essai sur l'expérience de la mort*. Paris, Éditions du Seuil, 1951.
Leming, M. R. The relationship between religiosity and the fear of death. *Dissertation Abstracts International, 36*(11-A):7.674, 1976.
———. Religion and death: A test of Homans' thesis. *Omega, 10*(4):347-64, 1979/1980*a*.
———. The Leming death anxiety scale. In: Leming, M. R. Religion and death: a test of Homans' thesis. *Omega, 10*(4):347-64, 1979/1980*b*.
Lenski, G. The religion factor. In: Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.
Lester, D. Fear of death in suicidal persons. In: Pollak, J. M. Correlates of death anxiety: a review of empirical studies. *Omega, 10*(2):97-121, 1979/1980*a*.
———. Attitudes toward death and suicide in a non-disturbed population. In: Pollak, J. M. Correlates of death anxiety: a review of empirical studies. *Omega, 10*(2):97-121, 1979/1980*b*.
——— & Beck, A. T. Suicidal wishes and depression in suicidal ideators: a comparison with attempted suicides. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(2):87-96, 1979.
Lowen, A. *O corpo em depressão*. São Paulo, Summus, 1983.
Martin, D. & Wrightman Jr., L. S. The relationship between religious behavior and concern about death. *The Journal of Social Psychology, 65*:317-23, 1965.
Martin, J. & Westie, F. The tolerante personality. In: Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.
Minear, Julianne D. & Brush, Lorelei R. The correlations of attitudes toward suicide with death anxiety, religiosity, and personal closeness to suicide. *Omega, 11*(4):417-24, 1980/1981.
Moody, R. *La vie après la vie*. Paris, Éditions Robert Laffont, 1977.

Morin, E. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
Nelson, F. L. Religiosity and self-destructive crises in the institucionalized elderly. In: Hoelter, J. W. Religiosity, fear of death and suicide acceptability. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(3):163-72, 1979.
Noyes Jr., R. The human experience of death or, what can we learn from near-death experience? *Omega, 13*(3):251-59, 1982-1983.
Pichot, P. & Lempêrière, P. Factor analysis of a self-administered depression inventory. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(2):87-96, 1979.
Poppleton, Pamela & Pilkington, G. The measurement of religious attitudes in a university population. In: Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.
Putney, S. & Middleton, R. Dimensions and correlates of religious ideologies. In: Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.
Robinson, J. P. & Shaver, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.
Siegman, A. W. The relationship between religion, personality variables, and attitudes and feelings about death. In: Martin, D. & Wrightman Jr., L. S. The relationship between religious behavior and concern about death. *The Journal of Social Psychology,* 65:317-23, 1965.
Stengel, E. Suicide & attempted suicide. In: Cassorla, R. M. S. *Jovens que tentam suicídio*. Tese de doutoramento. Campinas, Unicamp, 1981. 266p.
Steward, D. W. Religious correlates of the fear of death. *Journal of Thanatology,* 3(3-4): 161-4, 1975.
Stotlland, E. The psychology of hope. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(2):87-96, 1979.
Swenson, W. Attitudes toward death in an aged population. In: Martin, D. & Wrightman Jr., L. S. The relationship between religious behavior and concern about death. *The Journal of Social Psychology,* 65:317-23, 1965.
Tarter, R. E.; Templer, D. I. & Perley, R. L. Death anxiety in suicide attempters. In: Hoelter, J. W. Religiosity, fear of death and suicide acceptability. *Suicide and Life-Threatening behavior, 9*(3):163-72, 1979.
Templer, D. I. The construction and validation of a death anxiety scale. In: Minear, Julianne D. & Brush, Lorelei R. The correlations of attitudes toward suicide with death anxiety, religiosity and personal closeness to suicide. *Omega, 11*(4):317-24, 1980/1981.
Thouless, R. The tendency to certainty in religious belief. In: Robinson, J. P. & Shaver, P.R. *Measures of social psychological attitudes*. Survey Research Center Institute for Social Research, 1973.
Topol, P. & Reznikoff, M. Perceived peer and family relationships hopelessness and locus of control as factors in adolescent suicide attempts. *Suicide and Life-Threatening Behavior,* 12(3):141-50, 1982.
Torres, Wilma C.; Guedes, Wand G.; Torres, Ruth C. & Ebert, Therezinha H. Sondagem de atitudes frente à morte em um grupo de universitários. *Arquivos Brasileiros de Psicologia,* Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 35(4):3-48, out./dez. 1983.
Wetzel, R. D. Hopelessness, depression, and suicide intent. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T. Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior,* 9(2):87-96, 1979.
Williams, R. & Cole, S. Religiosity, generalized anxiety and apprehension concerning death. In: Steinzor, B. Death and the construction of reality: a revisit to the literature from 1960. *Omega, 9*(2):97-124, 1978/1979.
Yufit, R. I.; Benzie, B.; Fonte, M. E. & Fawcett, J. A. Suicide potential and time perspective. In: Bedrosian, R. C. & Beck, A. T.Cognitive aspects of suicidal behavior. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 9*(2):87-96, 1979.
Zilboorg, G. Suicide among civilized and primitive races. In Cassorla, R. M. S. *Jovens que tentam suicídio*. Tese de doutoramento. Campinas, Unicamp, 1981. 266p.